

O paroxista diferente

Jean Baudrillard morreu. Mais um paradoxo na sua existência. O grande pensador francês – certamente o maior dos últimos 50 anos na capacidade de aliar originalidade de idéias e exuberância de estilo – havia denunciado num livro desconcertante “a ilusão do fim” (*A ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos*, 1992). A vida não tem fim, ele costumava dizer. Os homens é que teriam inventado (ou simulado) sentidos, finalidades e até mesmo a passagem do tempo como uma ruptura. Em “*A transparência do mal*” (1990), ele foi ainda mais longe: “Nada, (nem mesmo Deus) desaparece mais pelo fim ou pela morte, mas somente por proliferação, contaminação, saturação e transparência...” Se Baudrillard desaparecer certamente não será por banalização, mas por excesso de lucidez e de pertinência.

Baudrillard fez do termo “metástase” uma metáfora devastadora para explicar os processos de decomposição do tecido social contemporâneo. Tudo desapareceria realmente por saturação, disseminação patológica, difusão virótica, proliferação excessiva e caótica, banalização, hiper-exposição, visibilidade exagerada e doentia. O excesso de luz faz desaparecer uma imagem.

Paradoxalmente, outra vez um paradoxo no seu caminho de brilhantes excessos, foi um câncer que o matou. Paradoxo ou redundância? Ironia ou excesso de realidade? Liberação final e total da energia? Baudrillard deixa a vida para continuar definitivamente nas idéias e nas páginas, onde já se encontrava provisoriamente desde que, em 1968, publicara um livro rigoroso e implacável intitulado “*O sistema dos objetos*”.

Eu fui amigo de Jean Baudrillard, desses que tiveram a sorte de partilhar com ele uma viagem ou uma mesa de bar, onde ele fazia cada interlocutor se sentir brilhante, sendo que brilhante mesmo era só ele. Mas também fui seu orientando num pós-doutorado em sociologia da cultura. Além disso, fui um dos seus tradutores no Brasil. Tarefa das mais gratificantes pelo exercício intelectual de alto nível. Cheguei a ajudar a produzir dois dos seus livros: “*Tela total*”, uma coletânea dos seus artigos do jornal *Libération*, publicada aqui antes mesmo da existência de uma edição francesa, e “*O anjo de estuque – poesia e fotografia*”. O casamento dos seus poemas com as suas fotos foi uma novidade que muito lhe agradou já na última curva da sua trajetória de viajante. Será que a tristeza tem fim?

Ao longo dos seus 77 anos, Baudrillard experimentou de tudo um pouco sempre com a mesma intensidade. Acima de tudo, não se deixou congelar. Foi marxista, estruturalista, pós-estruturalista e, finalmente, um niilista genial. Como pensador, refle-

Juremir Machado da Silva

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação/PUCRS

tiu principalmente sobre dois temas essenciais: a utopia e a radicalidade. Queria um “pensamento radical” como utopia maior. Desejava capturar algo que estivesse aquém ou além do valor de troca: o irredutível à condição de mercadoria. Extraordinário criador de fórmulas, de frases e de termos para descrever o mundo contemporâneo dominado pela mídia, pela publicidade e pelo consumo, percebeu o esgotamento da crítica – transformada num resmungo moralista de tia solteirona – e passou a defender uma “teoria irônica”. A ironia e o paradoxo foram as suas grandes armas no combate à imbecilidade. Um exemplo: “A humanidade espera que a inteligência artificial a salve da sua estupidez natural”.

Numa das suas perguntas mais clássicas, analisando todas as formas de liberação nascidas nos anos 1960 através da metáfora da orgia, ele quis saber: o que fazer depois da orgia? Depois de um surto de liberação – do corpo, da mulher, dos estudantes, da autoridade paterna – o que esperar? Baudrillard não dava respostas, não produzia manuais de utilização e não se preocupava em atender as expectativas de solução. O seu papel era claro: pensar o absurdo das engrenagens sociais. Depois dele, resta a pergunta: haverá algo para fazer no pós-vida? Mas, principalmente, o que fazer depois do fim de um grande filósofo? Talvez se convencer de que o pensamento não tem fim. Ou, como ele mesmo disse em relação à guerra do Golfo, anunciar sem hesitação: a morte de Baudrillard não aconteceu. A morte era um desaparecimento. Logo...

O estilo como estratégia fatal

Ao contrário do que ocorre com a maioria dos sociólogos, Jean Baudrillard sabia escrever. Era um mestre do estilo. Mesmo que nenhuma das suas idéias fosse pertinente, ainda restaria a sua forma literária, equivalente a de Nietzsche e de Cioran. A forma de Baudrillard, porém, não é vazia nem está a serviço do narcisismo do autor. Ela reforça um conteúdo original e impiedoso capaz de revelar as entranhas da “sociedade de consumo” (1970), caracterizada como mitologia publicitária, das mistificações da política (À sombra das maiorias silenciosas – o fim do social e o surgimento das massas, 1978), devorada pela indiferença geral, e do “Crime perfeito” (1994: o desaparecimento do real).

Num dos seus livros mais inspirados, “As estratégias fatais” (1983), ele advertiu: “Nós já transgredimos tudo, inclusive os limites da cena e da verdade”. No hiper-real – um dos seus conceitos mais agudos –, uma verdade mais verdadeira do que a verdade finge se impor. Então, nesse reino do “simulacro e da simulação” (1981), só a ironia pode surtir algum efeito de desvio. Apenas a mudança da forma ainda poderia transportar algum conteúdo de modo a arrancar o destinatário do seu torpor. Artistas plásticos e cineastas (Matrix cita “Simulacros e simulações”) beberam fartamente nessa mudança

de paradigma que considerava a realidade “uma cadela” e zombava do poder da mídia: “Nem a massa tem opinião nem a informação a informa”. Para Baudrillard a massa neutraliza a mídia com a sua colossal indiferença ao sentido, ao conteúdo, à mensagem.

Não é, portanto, estranho que os marxistas tenham ficado decepcionados e tenham passado a atacar o antigo aliado. Qualquer marxista que se respeite ainda sonha com um bom uso dos meios de comunicação e com a conscientização das massas. Mas, para Baudrillard, na era dos fenômenos extremos, “a crítica ideológica e moralista, obcecada pela finalidade política do discurso, nunca leva em consideração a escrita, o ato de escrever, a forma poética, irônica, alusiva, da linguagem, do jogo com o sentido”. Em outras palavras, não há conversão possível. No seu entender, “o pensamento radical” migrou do conteúdo explícito para a forma como único elemento de desconstrução, pois a “linguagem nunca é real e mesmo quando parece designar as coisas o faz por vias irreais, elípticas, irônicas”.

A análise jamais pode ser frontal. A verticalidade desvia qualquer argumento do seu alvo. O caminho da interpretação com algum poder de eficácia precisa sempre ser transversal como condição para a percepção do aspecto sinuoso da existência. Nenhuma metodologia aguda estaria apta a fazer emergir a arbitrariedade do signo ou a revelar a singularidade do contingente. O pensador, nesse sentido, está obrigado a recorrer ao paroxismo, à caricatura e à reversão do sentido aparente para tentar se aproximar do mistério do objeto, esse conceito próprio à sociedade particular surgida da revolução industrial.

A necessidade do “mal”

Pensador extremamente influente nos Estados Unidos, país que conheceu bem e sobre o qual publicou um livro da melhor e mais inquietante prosa poética, “América” (1986), Jean Baudrillard tinha horror ao puritanismo, ao moralismo, ao politicamente correto e ao imperialismo explícito ou disfarçado de processo civilizatório e democratizador. Nada o preocupava mais do que a tentativa contemporânea de expurgar todas as formas de diferença – a eliminação do outro, da loucura e da alteridade. Uma sociedade sem “mal”, devotada a uma idéia única do “bem”, parecia-lhe uma distopia, um mundo sem zonas de sombra, inteiramente controlado, asséptico, hipócrita, fraco, inútil e estéril, incapaz de aceitar o valor e a “inteligência do mal”.

Na verdade, Baudrillard chegou a defender um “princípio do mal”. Interessava-lhe sustentar a negatividade – tudo aquilo que está além de uma positividade de auto-ajuda ou de espírito carola – como um ponto de recusa, de deriva, de transgressão e de liberdade. Mergulhados nas suas ilusões positivas, os homens não perceberiam as armadilhas da domesticação. Exemplo: “O ser humano pode encon-

trar nas férias um tédio mais profundo do que o de todos os dias – um tédio redobrado, porque é feito de todos os elementos da felicidade e da distração” (“As estratégias fatais”). De certa forma, ninguém quer escapar ao comodismo da sua prisão diária e produtivista. Daí a pergunta nua e crua: “Como pensar que as pessoas vão desmentir a sua vida cotidiana procurando uma alternativa?”

Bem entendido, o mal para ele era um “atrator estranho”, tudo aquilo que arranca o homem da submissão e do conformismo. Depois do 11 de setembro de 2001, Baudrillard anunciou o fim da greve dos acontecimentos e num livro magistral, “Power inferno”, enunciou a mais radical hipótese em relação ao conflito entre norte-americanos e muçulmanos extremistas: os Estados Unidos teriam inveja de homens ainda capazes de morrer por uma causa, irreduzíveis, não aceitando negociar, nem se vender, enquanto os próprios soldados americanos partiriam para a guerra confortados por um slogan: morte zero. Como não invejar quem se põe acima do valor mercantil por idealismo?

Nada escapava das especulações de Baudrillard, nem mesmo um programa como Big Brother. Diante da questão, por que as pessoas vêem o Big Brother?, ele sugeriu a hipótese da “democracia radical”. Numa democracia convencional, o preço da fama era o mérito. Big Brother instaura a “democracia radical”: todos podem ser famosos sem mérito algum, a não ser o de se tornar visível. Triunfo da mediocridade na era das celebridades descartáveis. Apogeu da “sociedade do espetáculo” (descrita por outro maldito, Guy Debord). De resto, Baudrillard via a mídia com um olhar sem complacência e divertido: “A televisão chama bastante a atenção nos tempos que correm. Faz falar dela. Em princípio, ela está aí para nos falar do mundo e para apagar-se diante do acontecimento como um meio que se respeite, mas, depois de algum tempo, parece, ela não se respeita mais ou toma-se pelo acontecimento” (tela total).

Paroxista (in)diferente

Observador incansável e arguto, Jean Baudrillard analisou a mercantilização da cultura, o ocaso da utopia, a perda das ilusões revolucionárias, a derrocada do comunismo, a ascensão do consumismo, a crise das vanguardas artísticas, a “mediatização” das sociedades, o fim da sedução, a consolidação do obsceno, o fim da idéia de fim – fim das classes sociais, fim do capitalismo, fim da opressão, fim da desigualdade, fim da história –, o desenvolvimento tecnológico – virtual, clonagem, etc. E ironizou a “disneificação” do mundo, “a sexualidade como doença transmissível” e o delírio como única forma de racionalidade aceitável, radical e emancipatória.

Foi considerado por muitos como pessimista, cínico ou apocalíptico. Numa longa entrevista para o jornalista Philippe Petit, publicada como livro em

1997, Baudrillard definiu-se como um “paroxista indiferente”. Indiferente a quê? À simplificação da dicotomia otimismo/pessimismo. Mas nada indiferente em relação ao desejo de jogar, de crer na imperfeição humana como sua maior qualidade, aquilo que a máquina nunca terá – a capacidade de mentir, de blefar, de sofrer. Baudrillard sempre quis encontrar a estratégia fatal capaz de reinventar a vida como inutilidade absoluta: “A estratégia fatal quase sempre foi compreendida como a evolução da catástrofe interna ao sistema. Para mim, era exatamente o inverso. Era encontrar uma forma de jogo e de destino capaz de contrabalançar essa evolução implacável do sistema, pois esta não é de modo algum fatal, mas banal. A estratégia fatal era a reinvenção de um pensamento capaz de romper, não a verdade do sistema, mas a sua lógica. Contra a estratégia do mal, a estratégia do pior”.

Não resta dúvida, Jean Baudrillard foi mesmo um extraordinário paroxista. Mas um paroxista diferente. ■FAMECOS

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. *O anjo de estuque*. Porto Alegre, Sulina, 2004.
- . *Power inferno*. Porto Alegre, Sulina, 2003.
- . *Tela total*. Porto Alegre, Sulina, 1999.
- . *Le paroxyste indifférent (entretiens avec Philippe Petit)*. Paris, Grasset, 1997.
- . *Le Crime parfait*. Paris, Galilée, 1995.
- . *L'illusion de la fin*. Paris, Galilée, 1992.
- . *La Transparence du mal: essai sur les phénomènes extrêmes*. Paris, Galilée, 1990.
- . *La guerre du golf n'a pas eu lieu*. Paris, Galilée, 1991.
- . *Simulacres et simulations*. Paris, Galilée, 1981.
- . *Oublier Foucault*. Paris, Galilée, 1977.